

Crítica e Escrita das Margens em Luiz Costa Lima

Lúcia Ricotta¹

Resumo: Nos paratextos que acompanham as obras crítico-teóricas de Luiz Costa Lima, sua atitude mais frequente consiste em comentar o “complexo colonial carregado por todo sujeito” que desafia o pensamento nos trópicos. Com expansões maiores ou menores, em muitos enunciados de seus textos, o crítico evidencia um mal-estar diante do isolamento que a atividade intelectual impõe num país periférico como o Brasil. Em especial os textos exordiais de prefácios, notas preliminares e pessoais, autobiografia intelectual, depoimento e também epílogo são escritos segundo determinado *mood* e momento para expressar “o monótono desenrolar dos dias”. Monotonia é o nome que ele dá de bom grado ao “exercer o gosto de pensar como habitante dos trópicos”. No entanto, desse mal-estar tão imperioso quanto angustiante, parece construir um valor *a priori* para a persistência de seu exercício crítico, rigor conceitual e abrangência de repertório comparatista. Diante disso, gostaria de propor que as aberturas performativas de Costa Lima, com insinuações autobiográficas, não cifram propriamente a expressão de subjetividade, antes codificam a experiência do intelectual, que confronta a sua experiência teórica e crítica com a força perturbadora de uma voz, que se quer inscrita numa escritura das margens, na medida mesmo em que, tal qual em **Redemunho do Horror: as margens do Ocidente**, finalmente associa a revisitação da *mimesis* ao “lugar em que se processa a diferença ou em que ela é percebida”. No “horror dos continentes marginalizados”, modos de fala do silêncio ampliam-se na obra de Costa Lima, reconfigurando os pontos cego e surdo de sua teoria nos trópicos.

Palavras-Chave: Luiz Costa Lima. Crítica. Escrita. Paratextos. Margens.

Abstract: In the paratexts that accompany *Luiz Costa Lima's* critical-theoretical works, his most frequent attitude consist of commenting the "colonial complex charged by every subject" that defies the thoughts in the tropics. With larger or smaller expansions, in many statements of his texts, the critic shows a discomfort before the isolation that the intellectual activity imposes in a peripheral country like Brazil. Especially the exordial texts of prefaces, preliminary and personal notes, intellectual autobiography, testimony and also epilogue are written according to a certain mood and moment to express "the monotonous unfolding of the days." Monotony is the name he willingly gives while "exercising the taste of thinking as an inhabitant of the tropics." However, from such an imperious or distressing discomfort, it seems he is constructing *a priori* a value for the persistence of his critical exercise, conceptual rigor and coverage of a comparative repertoire. In light of this, I would like to propose that the performative openings of Costa Lima, with autobiographical insinuations, do not properly cite the expression of subjectivity, but rather it encode an experience of the intellectual, who confronts his theoretical and critical experience with the disturbing power of a voice, which wants itself inscribed in a margin writing, to the extent that, as in **Redemunho do Horror: as margens do Ocidente**, it finally associates mimesis revisiting with the "place where the difference is processed or in which it is perceived." In the "horror of the marginalized continents," modes of speech of the silence are amplified in Costa Lima's work, reconfiguring the blind and deaf spots of his theory in the tropics.

Keywords: Luiz Costa Lima. Criticism. Writing. Paratext. Margins.

¹ Professora de Letras da UNIRIO. É doutora em História pela PUC-RJ. Desenvolveu pesquisa de pós-doutorado na UNICAMP e, posteriormente, na Letras da PUC-RJ, com apoio da FAPERJ. Escreveu vários artigos, entre eles: “Entre raízes e arbustos: a forma arvorada da literatura e da cultura brasileira” (2017) e “A paisagem na produção letrada romântica: artifício e natureza” (2015) e “A constelação espacial das cenas de origem em *Scènes de la Nature*, de Ferdinand Denis” (2011). Como organizadora e co-organizadora, publicou nos últimos anos os seguintes dossiês: **História e Cultura Visual: Múltiplas Narrativas da Experiência Histórica** (2016), **Graciliano Ramos** (2015), **Literatura e Viagem** (2010). É autora de **Natureza, ciência e estética em Alexander von Humboldt** (2003). Email: luciavilelapinto@gmail.com.

1. Experiências na crítica

Tal como cada ser tem uma atração por si próprio, também deve ter uma relação para com os outros (Goethe, **As afinidades eletivas**)

Je ne peux pas cesser de trembler devant l'autre, et plus encore: d'être en moi le tremblement que l'autre ébranle. Et la pensée ne peut pas pénétrer la chose sans trembler (Jean-Luc Nancy, Hegel. **L'inquiétude du négatif**)

Meu texto remete à fugidia presença do “eu” na escrita crítica. Com isso, pretende dar a esse leitor o lugar proeminente daquele que sustenta as condições mais afins à receptividade da obra, chamando atenção para a dobra que o trabalho da crítica realiza. Dobra de uma imagem de si no outro, que acaba por estreitar os limites entre escrita, leitura e vida. Paul Valéry, refigurando a virtude poética e crítica de Baudelaire, evoca o “mágico contato” que o poeta teria tido com o espírito de Edgar Allan Poe (VALÉRY, 1926, p. 360). Walter Benjamin busca em Goethe e em seu **As Afinidades Eletivas** outra inscrição para a experiência crítica. Pensando “o crítico como o alquimista”, alguém capaz de ver a obra “como uma fogueira” misteriosa cercada pelo “enigma do vivo”, Benjamin deseja um modo de escrita da leitura que se abra à partilha da vida da obra. Ele afirma: “o crítico interroga a verdade cuja chama viva continua a arder sobre as pesadas achas do passado e sobre as cinzas leves do vivido” (BENJAMIN, 2016, p. 39). A fruição de um “núcleo luminoso” da verdade da obra dá ao leitor que a explora a presença de um agora preenchido pelo eco de um eterno retorno (BENJAMIN, 2009, p. 61).

Erich Auerbach, em **Dante: poeta do mundo secular** publicado em 1929, quis responder à questão sobre a situação de existência do leitor moderno no texto dantesco. Ele pergunta: “poderá um leitor moderno, mesmo que superiormente instruído, e possuidor do mais alto grau de empatia histórica, penetrar no pensamento de Dante se for de todo avesso e hostil ao seu modo de pensar?” (AUERBACH, 1997, p. 197). Tratou de pôr em cena a abertura do crítico para atravessar um espaço, passar pelo meio de um pensamento e penetrar no gesto pessoal de um outro, que será lido. Auerbach se junta a Dante e também dele se separa. *Nel mezzo del cammin*, um contato surpreende com sua dimensão de acontecimento capaz de ir desfazendo o curso histórico linear que separa Auerbach de Dante e fazendo então coincidir o “conteúdo humano da **Comédia**” com a intuição teórica contida na noção auerbachiana de “figura”, de ensaio posterior a 1938. Segundo o que diz o poeta e tradutor Jorge Wanderley, na orelha da edição brasileira de **Dante: poeta do mundo secular**, a teoria da figura “estabelece

uma relação entre dois acontecimentos, ou duas pessoas, na qual um dos dois termos representa o outro, enquanto o segundo termo reforma ou enforma o primeiro, completando-o: dissolve-se a linha da história” (WANDERLEY, 1997, orelha). O figural, arrisco dizer, invade a pesquisa auerbachiana do poeta, pondo em jogo subjetivações e dessubjetivações do crítico junto à “personalidade e talento” do poeta. Vale perceber como Auerbach-leitor surpreende na **Divina Comédia** existência e vida de Dante. Ele diz: “[o] homem perdido *per una selva oscura* dos primeiros versos do poema é o próprio Dante” (AUERBACH, 1997, p. 125). Ou como flagra em Dante o que denomina o “Ser em experiência”, em que, cito-o, “Ser assume um caráter de tensão, como se fora uma força em processo de expressão. No vasto edifício do mundo através do qual ele viaja, Dante é o único personagem para o qual ele ainda não foi interpretado” (IDEM, p. 119-120).

Além do leitor moderno que lê um leitor histórico como Dante, Auerbach avança em suas interpretações sobre o poeta graças à proximidade com que o acompanha na leitura de sua “experiência pessoal”, combinando-a com uma nova experiência de crítica, procurando ir o mais longe possível nessa espécie de escavação do sentido da leitura, sempre por vir como um modo de conhecer e viver. Dante parece ser para Auerbach aquele que lê a realidade terrena à luz da criação artística. Sua leitura sobre a “catástrofe política” do exilado Dante, engendrando o sentido mesmo do destino dantesco, lhe permite testemunhar no “ódio espontâneo da injustiça” a inscrição de uma língua da insurgência na poesia de Dante. “Sua vida fora amarga e infeliz”, diz Auerbach, pois já o caminho que levou Dante à **Comédia** é de “grave crise interior”, deflagrada pelo *súbito movimento di cose* que culmina com o exílio político do poeta. E Auerbach acrescenta: “Ele superou a crise, e ela lhe enriqueceu sobremaneira a experiência pessoal” (AUERBACH, 1997, p. 107)². Ou seja

Dante lhe interessa profundamente nessa espécie de arqueologia da leitura do mundo, e Auerbach, com a equanimidade que o habilita ao exercício da crítica, acolhe o motivo central que para ele é intrínseco a Dante. Segundo considera, o poeta introduziu na tradição literária europeia a adesão total à máxima de Heráclito – “o caráter de um homem é o seu destino”, o

² Reproduzo a continuação do texto de Auerbach: “Ele vivera em meio a acontecimentos da maior importância, participando deles, e sofrendo devido a eles. Em momentos de extrema tensão, testemunhara a ação de outros, e muitas vezes, sem dúvida, observara o que em torno dele se passava com a febril expectativa que aguça todos os sentidos. Embora exilado e sem recursos, estava ainda presente aos momentosos eventos da época. E agora essa experiência direta não era atenuada pela rotina confortadora, pelo ambiente a que estava habituado em sua cidade natal, pela indiscutível estima de que gozava em Florença – em suma, por todos os fatores que, numa vida segura, fazem com que os acontecimentos externos pareçam ao observador ainda mais remotos. Agora, porém, quando evocava mentalmente os atos de que fora testemunha ocular ou de que tinha conhecimento por ouvir dizer, seu olho treinado, sua inteligência e perspicácia, sua genuína piedade, seu apurado sentido da hierarquia e da ordem, seu ódio espontâneo da injustiça, combinavam-se com essa nova experiência” (AUERBACH, 1997, p. 107)

que lhe permite interpretar Dante a partir da ideia da individualidade de que um poeta entende e reconhece o mundo pela gravidade existencial das paixões terrenas. Assim, Auerbach contrapõe-se às interpretações de Benedetto Croce e Karl Vossler, decidido que está pela inclinação ao sentido existencial na **Divina Comédia**³. Pois há um “nutrimento vital que Dante promete aos seus leitores” e que vira, pelas mãos de Auerbach, constante da “história da moderna cultura europeia”, armando uma linha significativa e trágica para o “destino individual”. Desse modo, todos os atos e sofrimentos do homem histórico na terra intensificam-se na sua “presença sensível ideal”, que é contígua a um “a priori do individual”, sem divisa temporal, o qual por toda a eternidade é capturado como o juízo divino o revelou (AUERBACH, 1997, p. 195). A presença corpórea de almas, “[e] estas uivam à chuva e na algazarra de cães”, é decantada em versos como esse do Canto VI do “Inferno” (DANTE, 2004, p. 122).

As intenções que motivam essa breve introdução podem ser expressas num pensamento sobre a crítica como constelação de afinidades, temperamentos e dobras autobiográficas do leitor, para além dos comportamentos teóricos extensivos ao “campo agonístico” dos estudos literários⁴. O crítico elege, por uma conjunção de forças, objetos afins, autores e obras, sob o signo de inflexões semiconscientes e de disposições que se cruzam num jogo imaginário de correspondências, o que permite supor junto à experiência da crítica jogos possíveis de especularidades de um leitor fendido em vista da produção artística que lê ou vê e que, doravante, não existe mais por si, mas em alguma medida em seus objetos eletivos. Seria preciso reconhecer, assim, nas margens do contorno do pensamento crítico o limite (ou o lugar) segundo o qual iluminações profanas da leitura - para usar termos benjaminianos -, caracterizam subterraneamente outras vozes da crítica. Nesse sentido, a exposição sobre os paratextos costalimeanos e suas expansões aqui em questão irão apontar para uma codificação autobiográfica da experiência teórico-crítica tensionada pela recorrência reiterada do lugar nos trópicos.

Presença arquivada, um “eu” do crítico está na pesquisa crítica todo atravessado quer por sua sistemática maneira de pensar e aproximar-se de seu objeto, quer por uma série de

³ Hans Ulrich Gumbrecht em “Pathos da Travessia Terrena – O Cotidiano de Erich Auerbach” chama a atenção para o “sentido existencial” do tópico auerbachiano “representação séria da realidade cotidiana”, abordando as relações entre a vida de Auerbach e sua obra. O retrato do filólogo, realizado por Gumbrecht, testemunha a presença de um “estilo próprio” num corpo-a-corpo com a modelagem existencial da compostura. Cuidando de ampliar o conceito de compostura da filosofia heideggeriana, Gumbrecht a relaciona ao modo não só como Auerbach é capaz de viver uma “existência autêntica” como “destino inevitável da existência humana”, mas como ele pôde distinguir “a individualidade trágica em Dante” sob o impacto da constelação filosófica desse conceito (GUMBRECHT, 1994, p. 99).

⁴ É importante aqui os desdobramentos propostos por **O Último Leitor**, de Ricardo Piglia, acerca da leitura do leitor, do crítico que escreve a leitura e da “ficção como teoria da literatura”.

injunções que dizem respeito às forças entrelaçadas de sua sensibilidade ao contorno político que seu mundo desdobra. Se, como afirma Edward Said, “o papel público do intelectual como outsider” é a contrapartida necessária para que “padrões de verdade sobre a miséria humana e a opressão” potencializem sua dissensão para com o *status quo*, isso só é possível porque, a seu ver, os intelectuais se auto representam diante de si próprios (SAID, 2005, p.14-16). Segundo ele, há uma vocação intelectual para a “arte de representar”, que nunca é abstrata, pois se vale da aposta pessoal de um crítico como figura representativa para enfrentar riscos, galvanizar amigos e/ou inimigos na solitária condição de insurgente e do dramático que marca a sua escrita, fala e ensino (IDEM, 2005, p. 27).

2. Livro e Paratextos Costalimianos

Em uma trajetória intelectual, capaz de resistência tal qual essa singular, e de larga continuidade por Luiz Costa Lima, como crítico e especialista em literatura, ganha forma peculiar a escrita dos paratextos de seus livros. Com memórias em tom de confissão, balizas temporais e espaciais de sua fisionomia intelectual e depoimentos autodramáticos, os paratextos tocam, de modo transversal, a problematização de exercício crítico e seus pressupostos teóricos. Frequentemente, Costa Lima se utiliza de processos textuais liminares. Liminares no sentido de Gérard Genette, as “instâncias prefaciais” de um discurso que segue ou antecede o texto. Genette se apropria de uma diferenciação feita por Jacques Derrida entre introdução e prefácio, a propósito do paratexto hegeliano, para quem inclusive o prefácio leva em conta uma historicidade mais empírica (GENETTE, 2009, p. 145). Através de “fragmentos em formas de prefácio”, epílogos, “esboço de autobiografia intelectual”, “notas preliminares”, “depoimento” e “abertura”, Costa Lima se utiliza dessas “instâncias de comunicação” com o leitor. Assim, a presença repetida desses processos textuais nos inúmeros livros de Costa Lima, processos esses que muitas vezes acompanham introduções mais sistemáticas ao conceito geral da *mimesis* na sua diversidade e autodiferenciação, remonta a uma fala de si, de um autor de crítica e teoria que se representa como leitor privilegiado, o primeiro e último intérprete da economia hermenêutica de seus livros, respondendo, com efeito, a um vazio indefinidamente multiplicado, ao “muro de silêncio”, do qual se ressentente.

Gostaria de explorar esse lugar do livro costalimiano, o paratexto - (primeiramente tomado como ponto de reflexão por Flora Süssekind, João César de Castro Rocha e Luiz

Eduardo Soares⁵) – como um lugar que é material na arquitetura do livro, no sentido de constituir a margem, a moldura ou a *sub*-obra, a partir da qual se edifica o corpo textual⁶, e como um lugar que é retórico e que produz a modelagem de um sujeito e de uma escrita afeita aos humores da alquimia crítica que está sendo gestada. E, também, como uma *cena* de escrita que hoje nos sensibiliza justamente por revelar uma disposição espiritual na lógica do juízo crítico, tão existencial e apaixonado como esse de Costa Lima. Avançaria ainda mais, arriscando pensar como as anotações paratextuais incidem sobre a experiência do eu-teórico de ter-lugar, não o lugar da nacionalidade romântica, mas o lugar da diferença e da fratura do sujeito central, justo aquele onde a “falta de lugar do crítico” e a ausência de criticidade da crítica parecem constituir-se como problemática cultural. Em “Da Existência Precária: O Sistema Intelectual Brasileiro”, de **Dispersa Demanda: ensaios sobre literatura e teoria**, Costa Lima considera os intelectuais brasileiros “soltos no espaço dos interesses sociais”, pois, segundo diz, as “condições precárias das nossas diversas comunidades intelectuais” e a “nossa ausência de centro intelectual” formam as heranças de nosso estatuto colonial, mantido por nós pelo horror que temos à “teorização própria” (COSTA LIMA, 1981, p.5-15 e 24-25).

Com isso, estou me aproximando da questão da representação do intelectual na “interação entre a universalidade e o local, o subjetivo, o aqui e o agora”, concebendo Costa Lima como “figura representativa”, que galvaniza certo ponto de vista e articula representações a determinado público, e como um intelectual que se auto-representa (SAID, 2005: 26). Tornam-se reconhecíveis, por meio dessa abordagem, as características pessoais, as quais Edward Said diz serem tão importantes para a “arte de representar dos intelectuais”. A seu ver, cito: “há sempre a inflexão pessoal e a sensibilidade de cada indivíduo, que dão sentido ao que está sendo dito ou escrito” (SAID, 2005, p. 27). Há, pode-se dizer nesse caso costalimiano, a

⁵ Em **Máscaras da mimesis: a obra de Luiz Costa Lima**, Flora Sússekind examina o “movimento autocrítico que singulariza a escrita” do crítico. A autora nota uma “razão histórica” nos seus esforços de síntese e “unidade” à diversidade geográfica e histórica de seus temas. Essa razão histórica, segundo pensa, revela-se como obsessão própria ao contexto crítico-cultural de tratar impasses de um sistema intelectual latino-americano marcadamente periférico e domesticado. João César de Castro Rocha percebe o “estilo intelectual” de Costa Lima como análogo ao gesto de Goethe e Schiller em enfrentar o “complexo de inferioridade cultural” alemã face à arte italiana, francesa e espanhola, recorrendo às fontes matriciais gregas do Ocidente. Costa Lima, segundo João César, retoma o contato com textos e questões da tradição ocidental “em sua própria fonte”, como contrapartida ao macaqueamento e provincianismo que acabou se tornando regra canônica na escrita da crítica literária brasileira. Já Luiz Eduardo Soares vê a tentativa costalimiana de ultrapassar a dependência cultural via “sua autoconstituição autoral” como “movimento crítico que põe em marcha a estratégia sinuosa e ambivalente da antropofagia” (ROCHA, 1999).

⁶ Um rendimento importante para discutir efeitos dos paratextos está presente em “A exigência fragmentária”, de Philippe Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy, sobretudo pelo seu aspecto revelador na consideração da experiência primeiro romântica do fragmento como “o pensamento da obra (moral, política, ou religiosa assim como artística e teórica)”. **Terceira Margem: Estética, Filosofia e Ciência nos Séculos XVIII e XIX**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. UFRJ, Ano IX, nº 10, 2004, p. 68).

personificação de um pensamento que se realiza num modo de experimentar o mundo nas frestas abertas pelas margens. Da desterritorialização do centro, o crítico, sem “escritórios seguros nem território para consolidar e defender”, interroga a possibilidade de ação do pensamento desde uma “erudição implacável”, termo foucaultiano, emprestado por Said, para revolver textos, categorias, conceitos, autores etc. Escreve Said em **Representações do Intelectual**:

Testemunhar um estado lamentável de coisas quando não se está no poder não é, de jeito nenhum, uma atividade monótona e monocromática. Envolve o que Foucault certa vez chamou de “erudição implacável”, rastrear fontes alternativas, exumar documentos enterrados, reviver histórias esquecidas (ou abandonadas) (SAID, 2005, p. 17).

Em **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente** (1990), Said agitara a dramatização de fronteiras recortadas em delimitações duras e segmentárias pela literatura europeia colonialista do Oriente. A geopolitização dos estudos literários e culturais que aí propõe desloca limiares outrora obscuros e secretos do imperialismo e cultura, esfregando, como pontua, “o nariz da cultura na lama da política” (SAID, 1990, p. 25). Para tanto, trata de perguntar quais as coações políticas que nos constituem como ocidentais e quais os perigos que fizemos explodir ao isentar a tradição filológica dos estudos literários de suas significativas circunstâncias de vida.

Tendo em vista tais inflexões dos estudos culturais, gostaria ainda de evocar a problemática de um temperamento ou personalidade crítica que faz passar na leitura a maneira pela qual se olha e escuta um objeto sob o aspecto de uma visceralidade, fora de um racionalismo opressivo da construção analítica. Visceralidade esta desdobrada nas dobras que o pensamento guarda com a vida e a escrita.

Lembro, nesse sentido, da “galeria de estudos de caráter e retratos intelectuais”, levada a cabo por Peter Sloterdijk. O filósofo, em meados dos anos 90, organizou a coleção da editora Diederichs com volumes dedicados a passar pelas grandes etapas do pensamento europeu, numa história alternativa da filosofia. Eram textos primários de filosofia, e se tentava, com eles, “a letra dos pensamentos originais” para um vasto público. Peter Sloterdijk se encarregou dos prefácios aos volumes individuais, os quais foram depois publicados num só livro intitulado **Temperamentos Críticos. Um breviário de Platão a Foucault**. De saída, ele associa “disciplina filosófica” a um “modo de pensar, primeiro,” e, depois, a um “modo de vida”, e se apoia em Nietzsche para realizar o que denomina “escala dos temperamentos filosóficos”, que iria muito além de uma tipologia de sujeitos. Ele diz: “Nietzsche tanta razão tinha ao notar que

todos os sistemas filosóficos eram sempre uma espécie de memórias desapercibidas e confissões de seus autores”, mas, mais diretamente, está retomando Fichte - de quem inclusive empresta o nome “temperamentos filosóficos” – ao aludir a sua conhecida sentença “a filosofia que se escolhe depende do tipo de homem que se é” (SLOTERDIJK, 2012, p. 8).

Retomo essa noção de temperamentos, pois que nela um modo de pensar se associa a um modo de vida e escrita, fora de um solo psicologizante. E essa associação em Costa Lima é sempre fronteiriça. Circunscrita materialmente à sub-cena de seus livros, a escrita de seus textos liminares reflete os bastidores de sua disciplina analítica e teórica confrontada sempre com o modo de vida das margens, a melancolização de sua periférica intelectualidade e a intensificação de seu autocrítico. E consiste, como nota Flora Süssekind, em “sombra propulsora para o encaminhamento, por parte de Costa Lima, da questão da *mimesis*.” (ROCHA, 1999, p. 107). Desde um modo narrativo bem contrastante em relação ao corpo de exposição do livro, a disposição autocrítica em textos prefaciais de Costa Lima, encaminhando o leitor ao *livre à venir*, instaura a reciprocidade mesma de um ver e um ser visto, entre um *eu sou* e um *eu penso*, bem ao modo dos desdobramentos da panorâmica do sujeito humano presentes em **Mimesis: desafio ao pensamento**, no qual reabilita a importância da reflexão do sujeito para a arte, contrapondo-se ao “ostracismo do sujeito e suas representações” pelo desconstrutivismo” (COSTA LIMA, 2000, p. 153). Assim, da “fábula do sujeito solar”, unitário e imperial, descenderia “a sombra das fraturas” do sujeito kantiano. Talvez aí possamos flagrar uma tensão na posição da teoria crítica costalimiana: apesar da vida, há pensamento. Apesar do incômodo da cultura, a teoria. A tensão implicada no autor está em dar vida e densidade a um pensamento junto à força perturbadora de uma realidade que lhe é adversa. O projeto de escrita teórico-crítica e a realização dos livros são claramente marcados por essa tensão e devem ser compreendidos a partir da experiência que lhes despojam das condições usuais de possibilidade. Somente esse transtorno obriga o crítico a buscar seu fundamento ali onde um abismo dá lugar a um espaço vacante infinitamente problemático. Muito próximo, então, de um eu crítico que se encarcera numa instância de si que não existe por si, mas comparece *noutro* lugar. Esse outro lugar está amplamente delineado em **Redemunho do Horror: as margens do Ocidente**.

O que, segundo Costa Lima, impõe-se de modo dominante em nosso sistema intelectual profundo acaba por ser que a nossa vida social resiste à criticidade, e sendo esta, como assinala, “a marca característica da atividade intelectual, leva-nos,” segundo pensa, “a nos perguntar se de fato existimos, se já não deixamos de existir ou se nem sequer ainda começamos nossa existência” (COSTA LIMA, 1981, p. 4). Esta sua reflexão sob o título “Da existência precária:

o sistema intelectual no Brasil” desenvolve-se em **Dispersa Demanda: ensaios sobre literatura e teoria** de 1981 e tem desdobramentos, a meu ver, nas leituras e desleitura que ele mesmo faz de suas premissas teóricas e críticas.

No *corpus* exordial, Costa Lima está, portanto, armando sobriamente, como escritor, o seu pensamento, escrevendo efetivamente balizas de seu saber e se posicionando como “um escritor do seu saber”, para usar os termos de Sloterdijk (SLOTERDIJK, 2012, p. 21), para que possa, segundo diz em **Vida e Mimesis** de 1995, ser reconhecido a partir doutro *lugar*, significando nesse sentido, continuo replicando suas palavras, que se “ponha em questão a concepção colonialista que, periféricos, mantemos de nós mesmos” (COSTA LIMA, 1995, p. 47-8). Resta-nos problematizar como a experiência de crítica em Costa Lima, pelos paratextos, ou mesmo em instâncias paratextuais presentes no interior dos seus livros, reinveste contraditoriamente na cultura de fixidez do escrito, relacionando as linhas de seu saber às palavras que ele reporta ao mundo em que vive. Como se o seu mundo devolvesse à experiência de escrever sistematicamente livros de crítica e teoria a mirada de um autorretrato crítico em relação aos limites de sua voz.

A cena de representação do crítico em Costa Lima é bastante ambígua, pois ela perpassa um projeto do e para o escrito interpretativo. Um homem que fala por meio dos livros, para uma comunidade de escassos ouvintes, parece ter lugar onde paradoxalmente a vida se encerra. Assim rearticula, até certo sentido, o teor da famosa proposição de Mallarmé acerca do livro, esse “instrumento espiritual”, sacro, pleno de autoridade e ao mesmo tempo arquivador da alma e do pensamento nele contido. Cito proposição de “*Le Livre, Instrument Spirituel*”: “Uma proposição que emana de mim [...] sumária quer, que tudo no mundo exista para acabar em um livro” (MALLARMÉ, 2010, p. 167). Levando em consideração esse projeto em direção ao fim fenomenológico do espírito do livro, permito-me estender a ponderação ao caso costalimiano e apostar em como o único lugar possível para se pensar nos trópicos é o livro, num mundo reauratizado do papel (e para o papel teatralizado do intelectual), nessa “comunidade dos *sans-papiers* triturados por tantas máquinas”, como dirá Jacques Derrida, dentro da qual os seres-aí se encontram abandonados e excluídos, (DERRIDA, 2004, p. 14).

Costurando o fio das margens que formam a obra e a experiência crítica costalimianas, se pode dizer: os paratextos de Costa Lima rearticulam, por um lado, uma lógica de “ressacralização” e “fetichização do livro” enquanto lugar tumular, “minúsculo túmulo” da alma do intelectual, para usar os termos de Mallarmé, explorados por Derrida. Por outro lado, articulam uma outra vida que tem a ver com o confronto existente entre esse lugar do periférico

teórico e os “limites da voz” do crítico. O que dizer das linhas iniciais de **Mímesis: desafio ao pensamento**, nas quais a dor do mundo e a doença histórico-coletiva veem balizar um contexto intelectual para a sua velhice”? Um drama da voz do eu escondida na borda dos livros? Cito:

Em meados de 1998, conheci a experiência da velhice. Embora dolorosa, não será à sofrida, no fim do XIX, pelas vítimas da sífilis terciária ou, em nosso final de milênio, pelas vítimas da Aids. A morte não esteve, particularmente, em questão. Não deixei de temer menos a morte do que muitas vezes tenho temido a vida (COSTA LIMA, 2000, p: 11).

Ou dessa passagem de **Ficção e o Poema**, de 2012: “quase sempre, nossas frases têm a vida de um palito de fósforo. A algazarra dos vivos é um cemitério ambulante, bem mais amplo que a casa dos mortos” (COSTA LIMA, 2012, p: 28). Ou da “Abertura” intitulada “De olhos vendados” de **Frestas: a teorização em um país periférico** sobre a tortura psicológica sofrida durante a segunda experiência de prisão que conheceu na ditadura. Essas composições metafóricas da voz de um eu, nas margens, que nos remetem aos seus livros, fazendo-nos entendê-los como totalidades resistentes à dispersão do vivido, se abrem como expressão exigente que o intelectual deve realizar para manter-se pensando nos trópicos. Essa espécie de morte na vida, que acaba se ligando à suposta ausência já muito problematizada do pensamento nos trópicos – sobretudo a partir de perspectivas evolucionistas, julgando o engenho crítico no Brasil como falho e inadequado, por conta da equívoca assunção das ideias fora do lugar – também termina por reinstaurar a sagração da existência intelectual entre nós, além de tornar inexistente o próprio reconhecimento do livro.

Em uma inscrição sua, bem autoral, de **Pensando nos Trópicos** de 1991, na “Nota preliminar”, Costa Lima dá instruções sobre a maneira pela qual quer ser lido, decretando a sua “morte do autor” quando diz se “ver, cada vez mais, feito de cola, tinta e papel”. Cito a passagem:

Sartre me perdoe mas não sinto culpa, remorso ou arrependimento por me ver, cada vez mais, feito de cola, tinta e papel. E não encontro contra quem lance a culpa. Quando era adolescente e apontavam para a nomeada de um tio paterno, eu me dizia: certo, mas onde estão os livros que escreveu? Assim como outros teriam a ambição de enriquecer, eu tinha a mais desorbitada de querer tornar-me escritor. Nunca me perguntei, a não ser em instantes de depressão, para que ou por quê. (Muito mais tarde, encontraria em Kafka a observação que as notas são indispensáveis para que se suporte o monótono desenrolar dos dias). Apenas sentia – só a expressão será de agora – que era uma forma de plenificar o tempo e orientar seu fluxo; menos de recuperá-lo do que reinscrevê-lo (COSTA LIMA, 1991, p. 11).

O fantasma que se quer escritor e se quer de papel não deixa de interpelar os leitores. Como numa experiência de escrita assombrada pela inércia da comunicação, o fantasma

surpreende retoricamente seus leitores com a leitura de um livro de um morto ou de alguém que considera dizer tudo como se fosse de papel. É evidente aqui o aspecto tortuoso e paradoxal da estratégia retórica usada por Costa Lima para afetar uma disposição de espírito em seus leitores. Afetar a disposição mortífera da expressão teórica sob seu olhar nos trópicos. No estudo dos paratextos, Gérard Genette alude à retórica de valorização presente no prefácio original, fazendo-o funcionar como “temas do como”, segundo ele diz, do como se deve ler o livro, uma maneira de o escritor docilizar sua presença como autor de autoridade na teoria, que sabe de antemão não ter o leitor condição de responder às suas orientações ainda mais porque está consciente de que o leitor não o lerá (GENETTE, 2009, p. 186). No entanto, a sugestão por parte do crítico de *como* se deve ler seu livro, como livro de um morto, conduz indiretamente aos motivos *por que* se continua a viver fazendo crítica e teoria num país sem leitores. Assim, a própria atividade intelectual se torna o cenário de uma pergunta: será possível teorização no Brasil? Essa pergunta leva adiante a necessidade de o crítico periférico ter de ajustar a imagem de si ao complexo colonial de seu país com limitada perspectiva para a teoria e com leitores surdos à própria voz. O fantasma interpela, com efeito, os limites da voz e da escuta nessas margens.

Leitores que se recusam a escutar... Leitores que não legitimam a própria voz.... Mas o que é que os leitores recusam-se a escutar de Costa Lima? A Costa Lima não escapa a resposta, que inclusive confere unidade a sua obra, a saber: “*exercer o gosto [e, eu acrescento, o gozo], de pensar como habitante dos trópicos*”. Põem-se em jogo nesse gosto e gozo de pensar como habitante dos trópicos o limite crítico da voz dentro de um espaço de historicidade colonialista. Limite que vai sendo por ele ampliado, pois há em Costa Lima uma alquimia a converter modos de silêncio da voz no puro teor do pensamento, misturando fronteiras e deslegitimando o poder do sujeito para estabelecer uma ordem do mundo. Nas considerações metatextuais, Costa Lima ativa o mundo do “*complexo colonial carregado por todo brasileiro*” – assim denominado em “Nota Introdutória” ao **A Metamorfose do Silêncio: análise do discurso literário** de 1974 - ou o que chama de “fado de periféricos” em **Vida e Mimesis** de 1995 -, sejam eles de escritores, intelectuais, pessoas públicas etc. a fim de desestabilizar a universalidade de algumas ideias.

Prelúdios de sua capacidade de julgar, os prefácios envelopam, portanto, um tipo de aliança da sua intelectualidade com as margens e as experiências críticas que rearranjam fronteiras, frestas e limites; sejam do espaço literário instável, da posição da crítica que, “de fora, (...) passara para dentro da literatura” para residir “em um certo intervalo” ou mesmo o limite da arquitetônica do juízo reflexionante, flagrado por ele num circuito subterrâneo,

atuando por baixo, desde um solo arqueológico metafórico, não conceitual da razão (COSTA LIMA, 1993, p. 113). A margem, a fronteira e as situações de passagem constituem espaços propícios para a articulação de uma alteridade crítica que ganha estatuto de “centro mesmo de sua obra”. Não é à toa que nos primeiros livros o silêncio como potência da voz do texto é analisado como possibilidade de alcance da especificidade do discurso literário, como se a literatura e a produção de conhecimento que dela advém, forçando textualidades silenciadas da enunciação pela maquinaria solar de um sujeito imperial do pensamento, constituísse já uma forma de deslocar o *logos*. Pois, afinal, como ele mesmo coloca, em “quatro fragmentos em forma de prefácio,” de **Mimesis: desafio ao pensamento**, “que certeza podemos ter de conhecer?”, sobretudo ele, que luta contra a “crítica como canonização de valores ajustados ao *establishment* político-social” e fora da universalização da concepção eurocêntrica do mundo (COSTA LIMA, 2000, p: 13).

Nem o subjetivismo crítico, nem a sociologização maçica da crítica que a reduz à ideologia, a crítica, para ele, tem de lidar com uma experiência “que não pode ser generalizada” (IDEM, p. 15). É notável, nesse sentido, o **Redemunho do Horror: as margens do Ocidente**. Aí, o ato de leitura crítica se vale da força de mudança de direção dos redemunhos, do caminho colonialista para o horror nos países marginalizados, internalizando “lugares distintos” da subjetivação imperial (COSTA LIMA, 2003, p. 23). Faz sentido agora a busca da alteridade que habita o texto e a busca das forças inerentes às fraturas que constituem aquele que lê, escreve e testemunha. Querendo a voz do redemunho do horror, a do coração das trevas, o crítico espreita por “estreita fímbria” o que no texto “ultrapassa o horizonte de quem escreve”, o “inconsciente textual que torna visível o que dele próprio escapava” (IDEM, p. 110 e p. 227). Como se estivesse espreitando, assim, distintos agenciamentos de subjetividade nas margens do Ocidente. A leitura que realiza de **Peregrinação**, de Fernão Mendes Pinto, é exemplar nesse sentido, a qual se debate com as preliminares do sujeito moderno que ali avultam; “sem a consciência de seu autor, outro sujeito fermenta na **Peregrinação**” (IDEM, p. 111). Assim, ele pode falar de “esboço doutra visão das coisas”, “indício do sujeito moderno”, a “indagação do etos branco nos trópicos” a enfatizarem, todos, a “não-universalização do modo europeu de concepção de mundo” (IDEM, p.111).

Acho que podemos falar finalmente da tentativa costalimiana de desconstruir a colonização do conhecimento crítico, assim como Edward Said vai fazer, por exemplo, com as formas culturais do orientalismo por ele estudadas, como “sinais” definidores “do poder europeu-atlântico sobre o Oriente” (SAID, 1978, p. 18). Traço inabalável de que, entre as frestas

desse nosso país periférico, forma-se a diferença crítica de “um certo Oriente” costalimiano. Para tal comparação precisaria realmente de maior tempo, mas fico aqui com minhas considerações finais sobre como, a despeito de Costa Lima reiterar a “falta de lugar do crítico” como constitutiva à operação ajuizadora da literatura, cifrada kantianamente, não escapa dele a necessidade incontornável de saber situar-se “nas margens”, de ter-lugar numa situação de diferença, que é pós-colonialista, tendo em vista a nossa formação intelectual. Sempre falamos de uma posição no tempo e espaço que mobiliza no pensar uma relação de poder dos sujeitos, entre os sujeitos e suas perspectivas. O *ich denke* costalimiano está em um sujeito que se põe em jogo e resiste com mais força no ponto em que um movimento local o capturaria. **O Redemunho do Horror** devolve-nos a imagem do projeto colonial como interrupção e descontinuidade, revelando o que sempre esteve fora dos limites da representação e estendendo o lugar do *Ich denke* para as forças irrepresentáveis do horror captadas na experiência colonialista da África, Ásia e Ibero-América. Suas palavras prefaciadas na “Nota pessoal” ao **Redemunho** dão conta disso. Cito: “*já não basta falar a seu respeito (da mimesis) em produção da diferença, pois se há de conjugá-la com o lugar em que se processa a diferença ou em que ela é recebida – e explicitar [o] exame da dimensão política do discurso ficcional*” (COSTA LIMA, 2003, p. 24).

Referências

- ALIGHIERI, Dante. **Inferno**. Tradução Jorge Wanderley. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- AUERBACH, Erich. **Dante: Poeta do Mundo Secular**. Tradução Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**. 1998.
- LACOUÉ-LABARTHE, P. & NANCY, J.-L. “A exigência fragmentária” (tradução e apresentação de João Camillo Penna). In: **Terceira Margem: Estética, Filosofia e Ciência nos séculos XVIII e XIX**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura. UFRJ, Ano IX, nº10, 2004, p. 67- 94.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pathos da travessia terrena: o cotidiano de Erich Auerbach. In: **V Colóquio UERJ Erich Auerbach**: Rio de Janeiro: Imago Ed.,1994, p. 91-116.
- BENJAMIN, Walter. **Ensaio reunidos: escritos sobre Goethe**. Tradução Mônica Krausz Bornebusch, Irene Aron e Sidney Camargo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.
- COSTA LIMA, Luiz. **Frestas: a teorização em um país periférico**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2013.
- _____. **A Ficção e o Poema**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **O Redemunho do Horror: as margens do Ocidente.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

_____. **Mimesis: Desafio ao Pensamento.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Máscaras da Mimesis.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. **Pensando nos Trópicos: (Dispersa Demanda II).** Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. **Vida e Mimesis.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. **Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria.** Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

DERRIDA, Jacques. **Papel-Máquina.** Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais.** Tradução Álvaro Faleiros – Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MALLARMÉ, Stéphane. “Le livre, instrument spirituel.” **De la lettre au livre.** França, Gémenos: Éditions Le mot et le reste, 2010, p. 167-171.

PIGLIA, Ricardo. **O Último Leitor.** Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROCHA, João Cezar de Castro. Introdução: O Estilo Intelectual de Luiz Costa Lima. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Máscaras da Mimesis.** Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 9-21.

SAID, Edward W. **Representação do Intelectual: as Conferências Reich de 1993.** Tradução Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SLOTERDIJK, Peter. **Temperamentos Filosóficos: um breviário de Platão a Foucault.** Tradução João Tiago Proença. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2012.

SOARES, Luiz Eduardo. Luiz Costa Lima: a antropofagia e o lugar do sujeito, ou A janela iluminada e o silêncio da cidade. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Máscaras da Mimesis.** Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 263-283.

SÜSSEKIND, Flora. A via negativa de Luiz Costa Lima. In: GUMBRECHT, Hans Ulrich; ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). **Máscaras da Mimesis.** Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 103-114.

VALÉRY, Paul. Posfácio. In: BAUDELAIRE, Charles. **Flores do Mal.** Tradução de Maria Gabriela Llansol. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2003, p. 359-371.

*Recebido em setembro de 2018.
Aprovado em dezembro de 2018.*